

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS

LIZANDRA MARIA CALAZANS DOS SANTOS

MEMÓRIAS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE A PANDEMIA

Maceió

2023

LIZANDRA MARIA CALAZANS DOS SANTOS

MEMÓRIAS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE A PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras-Português.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia de Fátima Santos.

Maceió

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S237m Santos, Lizandra Maria Calazans dos.
Memórias de estudantes de educação básica sobre a pandemia /
Lizandra Maria Calazans dos Santos. – 2023.
41 f.

Orientadora: Lúcia de Fátima Santos.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Português)
– Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 34-36.
Anexos: f. 37-41.

1. Memórias – Covid-19 (Pandemia). 2. Memórias – Estudantes –
Educação básica. 3. Gênero discursivo. 4. Gênero memórias. I. Título.

CDU: 82-83

LIZANDRA MARIA CALAZANS DOS SANTOS

MEMÓRIAS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE A PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras-Português.

Aprovado em 25 de outubro de 2023

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **LUCIA DE FATIMA SANTOS**
Data: 14/12/2023 17:33:01-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Lúcia de Fátima Santos. Orientadora, UFAL.

Documento assinado digitalmente
 **YANA LISS SOARES GOMES**
Data: 12/12/2023 11:10:11-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Yana Liss Soares Gomes. Examinadora, UFAL.

Documento assinado digitalmente
 **ADNA DE ALMEIDA LOPES**
Data: 11/12/2023 16:19:55-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Adna de Almeida Lopes. Examinadora, UFAL.

Dedico aos meus pais, Alexandra e José Reinaldo, por sempre me guiar, ajudar e me aconselhar em todos os momentos e situações da vida, por não medir esforços para me proporcionar os melhores ensinamentos e princípios. Amo vocês!

Dedico ao meu irmão, Klayton, por me ajudar, acompanhar e proferir palavras positivas e de afeto em um momento conturbado que vivenciei em uma época de minha existência.

Dedico aos meus avós maternos (Edna e Givaldo) e minha avó paterna (“vó Bida”, como a chamo carinhosamente), que mesmo com pouca leitura, me ajudam arduamente sem medir esforços.

Dedico a você, prezado leitor/leitora, que irá ler esta pesquisa, fruto de muito trabalho, tempo, dedicação e esforço. Espero que, de alguma maneira, possamos contribuir nas reflexões sobre ensino e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus, que, com sua infinita bondade e misericórdia, me concedeu o dom e o fôlego de vida. Obrigada pela sua graça e o seu amor para comigo, sem ti nada seria. Gratidão, por mais uma vitória alcançada e por jamais permitir que eu desistisse desse sonho, mesmo quando pensei em parar na caminhada. Obrigada, por tudo e por tanto, Abba!

Agradeço a minha família e amigos por todo o apoio, confiança e aconchego desde o início desta jornada até o seu fim. Amo vocês!

Agradeço aos meus amigos de jornada acadêmica (Layane Soares e Matheus Tavares), vocês dois são bençãos em minha vida. Obrigada, por todos os momentos bons e difíceis que compartilhamos juntos, por serem âncoras para mim. Louvo a Deus por vocês existirem!

À querida Profa. Dra. Lúcia de Fátima, por embarcar comigo no desenvolvimento desta pesquisa e não medir esforços para me ajudar e orientar em todos os momentos de dúvidas, questionamentos, tensões e correções. Obrigada, Profa. Lúcia, por ser essa profissional tão dedicada, inteligente e comprometida naquilo que se propõe a fazer, uma pessoa tão humana que sempre transmite e carrega um belo sorriso no rosto, acreditando na capacidade de seus/suas alunos(as). Gratidão, Lúcia. Amo a sua vida. Sigamos!

Agradeço aos estudantes (sujeitos participantes da pesquisa), que se propuseram participar e se comprometeram em cada etapa para o desenvolvimento deste trabalho, se prontificaram e não me decepcionaram em nada. Obrigada pela participação de vocês, pois sem vocês a pesquisa não ganharia a tamanha proporção e realização. Espero nos encontrarmos mais vezes nas salas de aula.

“Fisicamente, habitamos um espaço, mas sentimentalmente, somos habitados por uma memória.” (José Saramago).

RESUMO

A pandemia de Covid-19 deixou marcas e sequelas que irão perdurar na vida de todos que a enfrentaram nos anos 2020 e 2021. No âmbito educacional, não foi diferente: o cenário pandêmico evidenciou a imensa desigualdade no ensino brasileiro. Considerando essa realidade, neste trabalho pretende-se apresentar reflexões acerca das memórias dos/das estudantes a respeito da pandemia de Covid-19. As memórias servem para retratar as lembranças de um tempo ou época passada. Ao falar sobre memórias, deve-se compreender que ela busca rememorar as vivências, experiências, emoções e sentimentos por meio da linguagem. Trata-se de uma pesquisa que está inserida na área de Linguística Aplicada e as orientações metodológicas adotadas são de cunho etnográfico (Lüdke; André, 1986). Os dados analisados consistem em narrativas produzidas por alunos de duas turmas de 8º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino no interior do estado de Alagoas, nas aulas de Língua Portuguesa. O aporte teórico se baseia nas fundamentações de Bakhtin (2003) e Marcuschi (2002) sobre os gêneros discursivos, Aragão (1992) e Halbwachs (1990) acerca do gênero memórias. Diante das observações realizadas, os resultados obtidos indicam que as memórias registradas pelos/as estudantes revelaram que o período pandêmico desencadeou uma série de fatores emocionais e sociais para a vida deles/as, como também indicam que esses/as estudantes da Educação Básica sofreram consideravelmente os impactos no processo educacional.

Palavras-chave: Memórias; Pandemia; Estudantes; Contexto educacional; Gêneros discursivos.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic has left lasting marks and consequences that will endure in the lives of those who faced it in the years 2020 and 2021. In the educational realm, the scenario was no different: the pandemic highlighted the immense inequality in Brazilian education. Considering this reality, this work aims to present reflections on the memories of students regarding the Covid-19 pandemic. Memories serve to portray recollections of a past time or era. When discussing memories, it should be understood that they seek to recall experiences, emotions, and feelings through language. This research falls within the field of Applied Linguistics, with ethnographic methodological guidelines (Lüdke; André, 1986). The analyzed data consist of narratives produced by students from two 8th-grade classes in a public school in the state of Alagoas, Brazil, in Portuguese language classes. The theoretical framework is based on the principles of Bakhtin (2003) and Marcuschi (2002) regarding discursive genres, Aragão (1992), and Halbwachs (1990) concerning the genre of memories. Based on the observations, the results indicate that the memories recorded by the students revealed that the pandemic period triggered a series of emotional and social factors in their lives. They also suggest that these Basic Education students significantly suffered the impacts on the educational process.

Keywords: Memories; Pandemic; Students; Educational context; Discursive genres.

LISTA DE SIGLAS

EAD	Educação a Distância
IAVE	Instituto de Avaliação Educativa
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. GÊNEROS DISCURSIVOS.....	12
1.1 Os gêneros discursivos nas abordagens de ensino de Língua Portuguesa.....	13
1.1.1 O Gênero Memórias na Educação Básica.....	15
2. REFLEXÕES DE ESTUDANTES A RESPEITO DA PANDEMIA.....	17
3. METODOLOGIA.....	20
3.1 A produção dos dados.....	21
3.2 Sujeitos de pesquisa.....	22
4. TEMPOS DIFÍCEIS: O QUE DIZEM OS/AS ESTUDANTES SOBRE A PANDEMIA?.....	24
4.1 A falta do acesso ao ambiente escolar e as suas dificuldades no ensino remoto.....	24
4.2 Aspectos sociais e emocionais que interferiram na vida dos/das estudantes durante a pandemia.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS.....	37

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos (meados de 11 de março de 2020 a 2021), vimos o Brasil e o mundo tendo grandes dificuldades em virtude da crise sanitária causada pela COVID-19. Todavia, conforme informações publicadas no site G1 (2023), a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou o fim da emergência de saúde global da pandemia de Covid em maio de 2023. Apesar desse decreto, os cuidados mantidos durante a pandemia ainda persistem, pois ainda há pessoas adoecendo, sobretudo aquelas que resistem tomar a vacina contra o vírus. No entanto, muitas foram as formas de contaminação pelo vírus, que possuía uma alta taxa de transmissão e um percentual assustador de letalidade. Nesse contexto, algumas das principais medidas que foram utilizadas para se evitar a disseminação do vírus foram: o uso de máscara, a higienização constante das mãos e dos materiais individuais, o distanciamento social e a quarentena (Convívio Consciente, 2021).

Os sistemas educacionais em todo o mundo também sentiram os efeitos da pandemia e o enfrentamento de vários desafios. Segundo o relatório do Banco Mundial (2020), cerca de 1,4 bilhão de estudantes ficaram fora da escola em mais de 156 países. De acordo com dados da UNESCO (2021), as escolas permaneceram fechadas por um período total de 18 meses em cinco países, que correspondeu a 77 milhões de estudantes afetados. Em Portugal, por exemplo, de acordo com o Estudo do Instituto de Avaliação Educativa (IAVE), “As competências da leitura foram particularmente afetadas pela pandemia” (Portugal, 2021), ou seja, mais de 23 mil alunos dos terceiro, sexto e nono anos de escolaridades, sofreram essas perdas com o afastamento escolar. Nesse contexto, no vocabulário da educação passaram a integrar, quase de um dia para o outro, novas palavras: álcool-gel, bolha, aula síncrona, regime misto, isolamento (Costa, 2021, p. 3).

De acordo com análises de Pasini, Carvalho, Almeida (2020) sobre a realidade da pandemia no contexto brasileiro, o distanciamento social e a quarentena impactaram diretamente na vida de todos os brasileiros, especialmente na educação, causando o afastamento presencial de docentes e discentes. Diante desse cenário, o Ministério da Educação estabeleceu a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, atestando que as aulas de escolas públicas e privadas fossem suspensas durante o ano de 2020. No entanto, com o avanço da vacinação contra o vírus, educadores e gestores seguiram otimistas para a retomada das aulas totalmente presenciais, já que a maioria das escolas esteve em modelo híbrido durante o ano de 2021.

O Brasil revelou uma desigualdade histórica e estrutural que marca a nossa sociedade: o acesso à educação; pois o ensino remoto realizado através de plataformas tecnológicas,

aplicativos de celulares, rádio e televisão explicitou as diferentes realidades em que vivem os estudantes brasileiros e de que modo os afetaram e afetam, pois a inclusão digital no Brasil está distante de se tornar uma realidade. Desse modo, a pandemia expôs a intensa desigualdade social. No âmbito da educação, ao adotar o modelo de ensino remoto, ficou evidente a precariedade das realidades de ensino. Para Camacho *et al.* (2020), é necessário que as instituições de ensino e seus alunos tenham preparo, condições pedagógicas, humanas e tecnológicas, para esse tipo de ensino.

É válido salientar que muitos estudantes brasileiros tiveram, infelizmente, familiares que perderam o emprego, que faleceram em virtude da pandemia de Covid-19 ou até mesmo que adoeceram, assim como muitos enfrentaram problemas graves de alimentação, higiene e saúde. Dessa maneira, fica evidente que o problema para esses estudantes está mais adiante das dificuldades de acesso às tecnologias.

Diante dessas considerações, este trabalho tem o intuito de apresentar e discutir as memórias dos/das estudantes a respeito da Pandemia de Covid-19. Essas narrativas foram realizadas com duas turmas do 8º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino do interior de Alagoas, situada no município de Coruripe, durante as aulas de regência do estágio supervisionado de Língua Portuguesa IV da pesquisadora, realizado entre os meses de junho e julho de 2022, no período letivo de 2021.2.

O percurso motivador para a realização desta pesquisa teve início no Projeto Integrador 5, cujo tema de pesquisa foi a *Situação dos alunos em vulnerabilidade social do curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas*. No contexto desse projeto, coletamos dados através de questionários nos quais os alunos relataram suas situações de vulnerabilidade durante a pandemia em relação aos estudos na universidade, seus estados emocionais, situação econômica, local para estudo, aprendizado no período remoto, dentre outros fatores. Além disso, pesquisas realizadas na internet e vídeos assistidos, nos quais os/as estudantes de escolas públicas relataram o que estavam vivenciando ou sentindo durante o período pandêmico (quais eram os seus medos, quais eram seus maiores obstáculos) foram fatores que despertaram o interesse da pesquisadora em pesquisar quais são as memórias que os/as estudantes da Educação Básica têm acerca da pandemia.

Dessa maneira, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como os/as estudantes escrevem e refletem sobre as experiências emocionais e sociais vivenciadas no período da pandemia. O estudo foi também norteado pelos objetivos específicos: analisar as experiências dos/das estudantes através de relatos apresentados por meio do gênero memórias; e verificar como os fatores sociais e emocionais implicaram na aprendizagem dos/das estudantes em

tempos de pandemia, com base nos registros que apresentam nas memórias. Em função desses objetivos, o trabalho foi desenvolvido em busca de respostas para as seguintes questões:

→ Que memórias os/as estudantes incluem em seus relatos sobre o ensino remoto emergencial e o afastamento do ambiente escolar?

→ Que aspectos sociais e emocionais os/as estudantes indicam que interferiram na aprendizagem deles/as durante a pandemia?

Trata-se de um estudo realizado na área de Linguística Aplicada, cujos dados de análise foram produzidos através de textos nos quais os/as estudantes expressaram as suas vivências, experiências e memórias sobre a pandemia. Para fundamentar a pesquisa, recorreremos a autores que abordam sobre gêneros discursivos Bakhtin (2003), Marcuschi, L. (2002) e o gênero memórias Aragão (1992), Halbwachs (1990). Por fim, apresentamos uma abordagem acerca dos dados analisados e as considerações finais acerca dos resultados da pesquisa.

1. GÊNEROS DISCURSIVOS

Os gêneros discursivos são de suma importância no ensino da leitura e produção textual na medida em que estão vinculados à interação textual. Além disso, na escola, tanto precisamos trabalhar com os gêneros quanto ensiná-los. De acordo com Marcuschi (2002), as atividades com gêneros textuais são fruto de trabalho coletivo, pois toda prática social utiliza um gênero e toda a atividade que envolve comunicação ocorre através dos gêneros textuais, em diversos usos do cotidiano. Ainda segundo esse autor, os gêneros estão vinculados às atividades socioculturais e, com os avanços tecnológicos, acabaram construindo fortes laços. O autor também ressalta o crescimento da cultura eletrônica, o que possibilitou o surgimento do rádio, do telefone, da televisão e especialmente a internet. Esse conjunto de elementos produziu uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação.

Algo que precisa ser notado e observado é que o processo de escrita é bastante complexo e amplo. Conforme destaca Marcuschi (2010):

produzir um texto é uma atividade bastante complexa e pressupõe um sujeito não apenas atento às exigências, às necessidades e aos propósitos requeridos por seu contexto sócio-histórico e cultural, mas também capaz de realizar diversas ações e projeções de natureza textual, discursiva e cognitiva, antes e no decorrer da elaboração textual (Marcuschi, B. 2010, p. 65).

Para essa elaboração textual, o domínio da caracterização dos gêneros que se deseja produzir é fundamental. Por isso, Marcuschi (2002) evidencia uma distinção entre tipo e gênero textual, ou seja, que tipologia textual não é sinônimo de gênero textual. Segundo o autor, tipo textual é um termo utilizado para designar “uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)” (p. 22). Entretanto, o autor afirma que gênero textual é uma expressão que aponta para uma noção vaga “para referir-se aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (p. 23). Dessa maneira, os tipos textuais abrangem um pequeno número de categorias, conhecidas como: “*narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*” (p. 23), enquanto os gêneros textuais são inúmeros.

Segundo Marcuschi (2002), a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) reiteram a necessidade de realizar um ensino pautado nos gêneros, visto que, segundo ele, pelo gênero tem-se a “oportunidade de observar tanto a oralidade como a escrita em seus

usos culturais mais autênticos sem forçar a criação de gêneros que circulam apenas no universo escolar” (p. 36).

De acordo com os estudos de Bakhtin (2003), o autor define os gêneros como tipos *relativamente estáveis* de enunciados produzidos pelas mais diversas esferas da atividade humana (p. 262). Isso significa que podem sofrer algumas modificações, dependendo da situação enunciativa em que são empregados. Dessa forma, considera-se que os gêneros independem de decisões individuais e são dificilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua. Além disso, os gêneros não são fruto de invenções individuais, porém de formas socialmente maturadas em práticas comunicativas.

Bakhtin (2003) aborda sobre a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e os classifica em gêneros primários e secundários. Ademais, o autor salienta que há uma diversidade das modalidades de diálogo do cotidiano:

as réplicas monovocais do dia a dia e o romance de muitos volumes, a ordem militar padronizada e até obrigatória por sua entonação e uma obra lírica profundamente individual, etc. A heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios. (Bakhtin, 2003, p. 262).

Dessa maneira, pode-se compreender que os sujeitos têm um imenso repertório de gêneros e, muitas vezes, não compreendem alguns deles, mesmo que sejam usados continuamente. Como, por exemplo, faturas de pagamento de água ou energia. É necessário enfatizar que, de acordo com o autor, esta relativa estabilidade é devido à sua marca histórica e social relacionada a contextos interacionais. Dessa forma, as modificações que os gêneros vão sofrendo resultam do contexto sociocultural em que se originam e se desenvolvem. Além disso, os gêneros discursivos ajudam na produção de novos textos e exercem um importante papel, que serve para auxiliar no desenvolvimento de competência comunicativa dos sujeitos. Daí a razão por que ser importante discutir de modo criterioso a caracterização e usos dos gêneros no ensino de Língua Portuguesa.

1.1 Os gêneros discursivos nas abordagens de ensino de Língua Portuguesa

Ao relacionar os gêneros discursivos com o ensino nas escolas, Marcuschi (2002), afirma que os gêneros discursivos nos possibilitam traçar um paralelo entre oralidade e escrita no contexto dos gêneros, pois o autor descreve que “tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento

dos gêneros textuais é importante tanto para a produção com para a compreensão” (Marcuschi, 2002, p. 31).

Assim sendo, o trabalho com o texto em sala de aula permite que haja possibilidades de encontros entre um trabalho situado e concreto para a prática dentro da sala de aula, ou seja, como os gêneros estão situados em eventos linguísticos diversos, seja escritos ou orais, as atividades com os gêneros nos dão acesso para ir além das atividades instrutivas.

Para o referido autor, em uma aula, podemos, através do ensino de modo geral, propor aos estudantes que produzam ou façam a análise de eventos linguísticos nas esferas diversas, tanto de maneira escrita como oral, pois essas atividades propiciarão que eles/as identifiquem as características e funcionalidade de cada tipo de gêneros. Ademais, os PCN (1998) também partem da ideia de que o trabalho com os textos em sala de aula seja feito com base nos gêneros textuais, evidenciando que a multiplicidade dos textos produzidos em sala de aula poderá contribuir para as variadas esferas de comunicação.

É nessa perspectiva que, ao compreendermos que a língua é um fenômeno social e que serve de interação para os indivíduos, desenvolvemos um ensino de Língua Portuguesa que visa principalmente a aprendizagem dos estudantes para que estejam preparados/as para as diversas circunstâncias comunicativas, ou seja, esses/as estudantes utilizem a língua para refletir e agir (Oliveira, 2000). Dessa forma, o ensino da produção textual partiria dos gêneros discursivos que estejam mais correlacionados, inicialmente, à realidade e necessidade que os estudantes apresentam em seu cotidiano. Pouco a pouco, no processo de ensino e aprendizagem é possível incluir novos gêneros de que poderão necessitar produzir em outros contextos de interação.

Diante dessas considerações, é oportuno que o professor de Língua portuguesa realize atividades através das quais os/as estudantes possam desenvolver a competência discursiva nas modalidades orais e escritas, como já discutido anteriormente, assim como motivá-los a ler e escrever, pois os gêneros se manifestam desde os mais formais aos informais, pode-se incluir até mesmo aqueles que circulam na vida cotidiana.

Nesse contexto, os/as estudantes, sujeitos desta pesquisa se apropriaram dos gêneros discursivos, mas especificamente do gênero memórias, para produzir as suas memórias pessoais/narrativas sobre o período da pandemia. Porém, antes de apresentarmos a análise dos dados produzidos nesta pesquisa, consideramos pertinente tecer algumas considerações sobre o Gênero memórias.

1.1.1 O Gênero Memórias na Educação Básica

Ao abordarmos acerca do gênero memórias, buscamos compreender que, para a construção de memórias, é necessário voltarmos ao passado e rememorar as vivências, experiências, emoções e sentimentos, através da escrita.

Acerca do gênero memórias, Aragão (1992), afirma que:

Durante muito tempo, não existiu, em termos de literatura, um termo preciso para designar um certo gênero específico de narrativa, cujo assunto escolhido a colocava entre a história e a crônica pessoal. Só a partir do século XVII é que o termo memórias será utilizado, recobrando, primeiramente, textos de historiadores ou de pessoas que não eram profissionais de literatura: memórias de parlamentares, de militares, de nobres, de religiosos. Nestes prima o desejo da informação, de se testemunhar sobre algum fato ou ideia. (Aragão, 1992, p. 34).

Ao falarmos e compreendermos sobre o gênero memórias, podemos entender que as memórias servem para retratar as lembranças de um tempo passado, pois é preciso viver para contar e recontar. O referido gênero permite a um determinado indivíduo buscar nas memórias fatos e lembranças que servirão para ser colocados no papel, pois escrever memórias não é somente um ato de lembrar, mas também aproximar a escrita da própria realidade do sujeito que as escreve.

Para Silva (2018), o surgimento da escrita nos possibilitou ter acesso às memórias registradas através dos escritos. Esses escritos muitas vezes eram realizados em pedras, no papel ou em outros objetos pelos nossos antepassados, com o objetivo de registrar inúmeras informações de saberes e bens culturais. Dessa maneira, Marcuschi, B. expõe que

[...] hoje dispomos de registros em razoável quantidade dos saberes e bens culturais construídos ao longo dos séculos pela humanidade, recuperáveis em múltiplos gêneros textuais, como poemas, romances, contos, leis, cartas, regras de jogos, diários, anúncios, reportagens, notícias, resumos, registros de imóveis, anotações escolares, entre tantos outros. (Marcuschi, B. 2012, p. 52)

Frente ao exposto, podemos dizer que a memória está ligada especificamente ao tempo passado, podendo registrar e conservar informações referidas a este tempo. Além do mais, as memórias não pertencem somente a um único indivíduo, mas desse indivíduo que está inserido no contexto social, pois a memória está ligada à vida social, na medida em que, ao retratar memórias, estamos assumindo e refletindo sobre contextos históricos, povos e bens culturais.

Nesse mesmo contexto Halbwachs (1990), define que a memória se reporta sempre a um determinado grupo, pois mesmo que a memória seja individual por pertencer a um indivíduo ela se conserva sempre em um caráter social. Dessa maneira, ao trabalharmos com o gênero

memórias, estamos indo além de lembranças ou recordações individuais, pois o texto que envolve memórias tem todo aparato histórico e coletivo, como descreve o autor [...] “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 1990, p. 51). Nessa perspectiva para este autor, as memórias de um indivíduo irão constituir a base da memória coletiva, na medida em que as lembranças não poderão coexistir sem um grupo social.

Também para Alves (2016), “as memórias são narrativas em que um narrador em primeira pessoa busca, no momento presente, recuperar reminiscências do próprio passado” (Alves, 2016, p. 30). Nesse sentido, o/ a estudante ao escrever um texto sobre memórias irá tentar recuperar as suas lembranças por meio de palavras para refletir sobre os momentos de sua própria história e resgatar do seu passado fatos que talvez já estão esquecidos.

Ainda segundo Aragão (1999), o gênero memórias “vai recobrir textos apresentados como sendo narrativas autobiográficas: memórias de cortesãos, de damas galantes etc. A parte antes dedicada à história cede lugar à descrição de experiências pessoais” (Aragão, 1999, p. 34). Dessa maneira, esta pesquisa visa recordar, nos/nas estudantes da Educação Básica, as memórias emocionais e sociais que a pandemia trouxe para eles/as.

Diante disso, as reflexões sobre o gênero memórias servirão como base para os/as estudantes produzirem as suas memórias pessoais, nas quais os/as estudantes serão os próprios autores de suas narrativas, destacando as suas vivências no contexto individual e coletivo, rememorando e buscando os fatos e lembranças para escreverem essas narrativas. A seguir serão apresentadas as reflexões de estudantes sobre as suas vivências e experiências durante o período de Covid-19.

2. REFLEXÕES DE ESTUDANTES A RESPEITO DA PANDEMIA

No livro *Memórias da Pandemia*, as organizadoras Veloso e Silva (2021) apresentam como principal objetivo a valorização da escrita autoral de textos dos gêneros literários conto, crônica e poema que foram produzidos a partir de relatos de experiências de estudantes da rede pública de ensino, durante a pandemia de COVID-19. Nesse contexto, os relatos que constituem o livro foram desenvolvidos a partir de práticas com a turma 901 de uma Escola Municipal de uma cidade do interior de Alagoas, no ano de 2020. Nesse livro, os/as estudantes relataram e declararam seus sentimentos, emoções, saudades do convívio escolar, dos amigos e das suas rotinas, antes da chegada do vírus.

As narrativas apresentadas no livro expressam o confinamento dos/das estudantes diante de uma pandemia, em um contexto que afetou o cotidiano deles/as, a ausência de convivência com as pessoas, a falta das brincadeiras coletivas, frustrações, a ânsia pelo amanhã e as preocupações com o futuro. Além disso, de acordo com Duarte (2021), houve perdas, tais como, “perderam-se as relações pedagógicas (entre o professor e o aluno), perderam-se o crescer juntos, os jogos partilhados no horário do recreio e o brilho nos olhos de quem aprende” (p.6). Assim sendo, as organizadoras procuraram evidenciar ao máximo as situações e circunstâncias nas quais os/as estudantes estavam envolvidos nesse contexto.

Também Oliveira, Langhantz e Gill (2021) investigaram os impactos do contexto da pandemia sobre o cotidiano dos/das estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Nessa pesquisa, foram construídas pequenas narrativas demonstrando o medo vivenciado por estudantes que, diante de um futuro incerto, preocupavam-se especialmente com os familiares e com o fato de talvez não conseguirem continuar os estudos de graduação e de pós, além de terem receio sobre as condições necessárias para a permanência em Pelotas.

Ao concluírem o artigo, as autoras afirmam que os sentimentos mais fortes correspondem à ansiedade, à apreensão e ao medo, sobretudo por não se ter qualquer perspectiva de controle sobre o presente e o futuro. O otimismo também foi mencionado, uma vez que muitos dos/das estudantes revelaram que se colocariam mais no lugar do outro e compreenderiam suas necessidades, a partir de agora. Os/as estudantes relataram: “Talvez, seja algo apenas momentâneo, mas somente o tempo nos dirá se o mundo sairá mais solidário desta calamidade” (Oliveira; Langhantz; Gill, 2021, p. 237).

Diante dos efeitos danosos causados pela pandemia, universidades brasileiras e estrangeiras adotaram as aulas virtuais em modelos síncronos e assíncronos. No contexto da

Universidade de Lisboa, por exemplo, Sobral e Caetano (2020) analisaram em duas fases de pesquisa as narrativas do cotidiano dos/das estudantes do 2º ano da licenciatura em Educação e Formação do Instituto de Educação. As autoras analisaram e perceberam as dificuldades e vivências dos períodos de confinamento e pós-confinamento, assim como as emoções que foram sentidas pelos/as estudantes ao longo do período pandêmico. Dessa forma, o que mais predominou na primeira fase são exemplos de emoções e sentimentos relativos ao medo e à ansiedade, com algumas afirmações de maior intensidade, como o terror e a angústia. Ademais, a saudade, nostalgia, solidão, tristeza, desgosto e desânimo foram outras emoções e sentimentos documentados.

Além disso, na segunda fase, as pesquisadoras discutem que começaram a aparecer nos/nas estudantes um sentimento mais positivo, ou seja, que a fase negativa estava passando e eles estavam sentindo calma, orgulho e superação, felicidade, esperança, diante de tudo que tinham passado em um primeiro momento. Por fim, os resultados discutidos pelas autoras revelam que cada estudante foi (ou ainda está) diferenciando todas as formas de diversidade de regulação emocional, sejam pelas novas rotinas de trabalho, estudos e lazer.

As discussões de Almeida e Gil (2021) também descrevem memórias da pandemia dos/das estudantes na universidade, especificamente de graduandos/as dos cursos de Pedagogia e das diversas licenciaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As pesquisadoras decidiram provocar os/as estudantes a refletirem sobre como estavam enfrentando o isolamento, para isso indagaram: “o que a pandemia alterou em sua vida? Que impactos provocou em seu cotidiano? Que sentimentos foram os mais constantes? Que ações foram feitas e quais foram interrompidas? Você fez alguma descoberta neste tempo? Houve mudanças em seu percurso de vida? Como esse tempo afetou seus valores? O que você levará como experiência desse tempo vivido? Que expectativas você tem para o futuro?” (Almeida; Gil, 2021, p. 14 -15).

Ao abordar os dados da pesquisa realizada, as autoras afirmam: “o leitor encontrará narrativas que apresentam uma espécie de frescor juvenil, produzidas no calor da hora, uma mistura de sentimentos despertados pela pandemia que esses estudantes se puseram a escrever”. (Almeida; Gil, 2021, p. 15). Narrativas essas que relatam os sentimentos, como ansiedades, tristeza, saudade, medo, desamparo, dúvidas, acomodação, perdas, frustrações, solidão.

Diante disso, as autoras descrevem que ainda há os sentimentos de perseverança e de resiliência. Mesmo em um contexto incerto que ainda permanece na vida desses/as estudantes, eles/as creem e acreditam que um dia tudo isso irá passar. É a partir dessas reflexões acerca das memórias e dos gêneros discursivos que apresentaremos no capítulo 4 uma análise sobre as

memórias e reflexões dos/das estudantes da Educação Básica durante o período pandêmico, ou seja, as experiências emocionais e sociais vivenciadas neste período de pandemia.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa está inserida na área de Linguística Aplicada, a qual tem como objeto de estudos a linguagem como prática social (Carvalho, 2010). As orientações metodológicas são de cunho etnográfico (Lüdke; André, 1986). De acordo com Lüdke e André (1986, p. 1), a palavra pesquisa vem ganhando cada vez mais proporções na sociedade. Nas escolas, por exemplo, os professores solicitam uma determinada pesquisa sobre um assunto ou tema a ser pesquisado, e os alunos, por sua vez, consultam sobre o tema em livros, internet, ou outras fontes, porém muitas vezes o que se observa é que esses alunos não expressam compreensão sobre a pesquisa realizada, porque compreendem somente como uma questão de memorização ou consulta.

Lüdke e André afirmam que “Para se realizar uma pesquisa, é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele” (1986, p. 1). Dessa maneira, um dos desafios da pesquisa é o envolvimento do pesquisador com o ambiente e todo o seu contexto que a pesquisa abarca, pois o pesquisador deverá sempre atentar sua situação para o maior número de detalhes possíveis. Além disso, segundo as autoras, é preciso total atenção com os sujeitos de pesquisa, pois cada pessoa tem a sua própria perspectiva em determinadas situações. Elas afirmam que

O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são foco de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo (Lüdke; André 1986, p. 12).

Considerando tais reflexões, o foco desta pesquisa é compreender como os/as estudantes escrevem e refletem sobre as experiências emocionais e sociais evidenciadas durante o período da pandemia. Ademais, como já indicaram Gomes *et al.* (2020), a doença, a pandemia, o isolamento e tudo mais que envolve o que foi vivenciado no período da pandemia, são e serão pautas de estudo, pesquisa, trabalho em várias áreas, por muito tempo. Dessa maneira, a educação, a partir do quadro de suspensão das atividades presenciais escolares, também é e será uma questão sobre a qual temos e teremos muito a pensar, estudar e produzir.

Posteriormente serão apresentadas as orientações adotadas para a produção dos dados, como também mencionaremos o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa.

3.1 A produção dos dados

Para a realização desta pesquisa, foi constituído um *corpus* com base na coleta de dados obtidos através da plataforma *Google Forms*, a partir das respostas dos/das estudantes de uma escola da rede pública de ensino no interior do estado de Alagoas, integrantes de duas turmas de 8º ano do ensino fundamental, durante o período de estágio supervisionado em Língua Portuguesa 3¹, do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Alagoas, no ano de 2022, no período letivo de 2021.2. O formulário foi aberto no dia 21 de junho até o dia 10 de julho de 2022. Foi constituído por 12 questões. Para garantir a autenticidade dos textos, não houve nenhuma alteração nas produções dos/das estudantes.

Antes de a pesquisadora ministrar as suas aulas, foi aplicado com os/as estudantes um questionário de avaliação diagnóstica, a fim de conhecer as experiências dos/das estudantes durante o ensino remoto, assim como entender como os fatores sociais e emocionais implicaram na aprendizagem durante todo esse período. Além disso, durante o estágio (período de regência) foi abordado e explicado aos estudantes acerca do gênero memórias em algumas das aulas ministradas pela pesquisadora. Dessa maneira, os/as estudantes produziram narrativas que expressaram as suas vivências, experiências e memórias sobre a pandemia.

Foram obtidas 11 respostas através do questionário, considerando os seguintes aspectos: o ensino remoto durante a quarentena, o modo como as experiências da pandemia interferiu no estado emocional dos/das estudantes e em suas condições socioeconômicas. Após o recolhimento das informações sobre os/as estudantes por intermédio dos questionários e das produções das memórias de cada um/a, constituímos o *corpus* para a análise dos dados. Além disso, como buscamos compreender como os/as estudantes escrevem e refletem sobre as experiências emocionais e sociais vivenciadas no período pandêmico, dividimos essas reflexões em categorias: a falta do acesso ao ambiente escolar e as suas dificuldades no ensino remoto e os aspectos sociais e emocionais que interferiram na vida dos/das estudantes durante a pandemia.

É importante frisar que selecionamos para a composição do *corpus* apenas os dados produzidos por 4 estudantes, pois dos/das 11 estudantes que participaram das aulas e

¹ O período de regência ocorreu de maneira remota para a pesquisadora, pois, em meados dos meses de maio a junho de 2022, ocorreram fortes chuvas no interior de Alagoas, inclusive nessa escola onde foi realizado o estágio no interior do estado. Dessa forma, foi decidido que o término do estágio ocorreria de maneira remota com apenas alguns/as estudantes das duas turmas, ou seja, turmas “A” e “D”, pois não haveria possibilidades de ocorrer de forma presencial por causa das pessoas que se encontravam abrigadas nas escolas.

responderam ao questionário solicitado, apenas 4 atenderam respectivamente aos objetivos que esta pesquisa visa responder e cumpriram integralmente às atividades propostas.

3.2 Sujeitos de pesquisa

Esta pesquisa foi constituída por um grupo de 4 estudantes, os quais são sujeitos participantes: Bella, Caio, Lua e Bruno². No decorrer das aulas, esses/as estudantes sempre foram assíduos aos cumprimentos das atividades propostas, conforme já dissemos. Todos/as estavam na faixa etária de treze anos de idade. A estudante Bella, nas respostas ao questionário, foi a única que se autodeclarou como uma pessoa de cor preta, assim como pertencente à classe social D/E³, com uma renda familiar de 1 salário mínimo. O estudante Caio, segundo as suas respostas, pertence à classe social D/E. Assim como a estudante Bella, a renda de sua família é equivalente a menos de 1 salário mínimo, ele se autodeclarou como uma pessoa de cor amarela.

O estudante Bruno respondeu que a sua renda familiar era equivalente de 5 a 7 salários mínimos, correspondendo à faixa de renda da classe social/ C. Ele se autodeclarou como uma pessoa de cor branca. Nesse mesmo contexto, a estudante Lua também é pertencente à classe social/C. Segundo as suas respostas, ela registra que a renda de sua família era de 5 a 7 salários mínimos. Lua se autodeclarou como uma pessoa de cor parda.

Os dados computados nas respostas ao questionário indicaram as diferenças existentes nas condições socioeconômicas de cada estudante desta pesquisa, no entanto, ao analisarmos suas narrativas/memórias, como veremos mais adiante, percebemos semelhanças entre os/as estudantes com relação às suas emoções vivenciadas na pandemia, ou seja, apesar das diferenças sociais, a pandemia provocou algumas situações, sentimentos e circunstâncias emocionais afins entre diferentes grupos sociais. Vale enfatizarmos que embora reconheçamos algumas semelhanças emocionais, compreendemos que há diferenças sociais bastante significativas entre grupos que pertencem a realidades econômicas distintas.

É necessário destacarmos que todas as respostas registradas no questionário, assim como a produção das memórias/narrativas dos/das estudantes, foram realizadas individualmente durante o período de estágio e desenvolvimento das aulas remotas executadas pela pesquisadora. Vale ressaltar que os procedimentos metodológicos desta pesquisa tiveram

² Para preservarmos a identidade dos/as estudantes, usamos nomes fictícios.

³ Essa classificação social foi baseada no estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o qual divide as classes sociais em 5 categorias básicas (A, B, C, D, E), segundo a renda familiar mensal. 19 Jul. 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/classe-social>. Acesso em: 19 jul. 2023.

(e têm) o conhecimento dos/das estudantes e contaram com a autorização deles/as para serem efetivados.

4. TEMPOS DIFÍCEIS: O QUE DIZEM OS/AS ESTUDANTES SOBRE A PANDEMIA?

4.1 A falta do acesso ao ambiente escolar e as suas dificuldades no ensino remoto

O avanço da propagação de Covid-19 no âmbito mundial gerou grandes números de mortes e de pessoas infectadas pela doença. Em virtude dessas situações, todos os países implementaram a quarentena. Dessa forma, segundo Magalhães (2021, p. 1264), os sistemas de educação ao redor do planeta também sentiram os efeitos da pandemia e enfrentaram um grande desafio. Além do mais, a maioria dos países recorreu, com maior ou menor sucesso, à educação a distância (EAD), assim como várias formas de ensino remoto para que os impactos da pandemia sobre o cotidiano escolar fossem diminuídos. Dessa maneira, o modelo desse ensino revelou as diferenças socioeconômicas e de que modo elas afetaram os/as estudantes, como veremos nas respostas e memórias a seguir.

Para as perguntas: *Quantas pessoas moram em sua casa (incluindo você)? Qual a renda total da sua família? Você teve acesso a celulares ou computadores para as aulas remotas? e Se você teve acesso a celulares e/ ou computadores, você dividia esse aparelho com alguém?* obtivemos as seguintes respostas da estudante Bella:

A estudante respondeu que moram em sua casa de 2 a 5 pessoas, a renda da sua família é de 1 salário mínimo e que teve acesso ao celular no decorrer da pandemia, porém dividia esse aparelho. Em suas memórias pessoais, Bella⁴, ao comentar sobre a sua situação de compartilhar um aparelho celular para as aulas remotas, a estudante descreve:

Eu tive uma certa dificuldade de aprender e focar nas aulas online, não sou a única que usa o aparelho celular para assistir a aula, minha irmã e meu irmãozinho pequeno também usavam o mesmo aparelho para estudar.

Segundo informações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), publicadas no site do G1 (2020), a pandemia do novo Coronavírus afetou mais de 90% da população estudantil mundial por decorrência do fechamento das escolas. Podemos notar que, no relato da estudante Bella, a ausência de equipamentos eletrônicos influenciou na qualidade da aprendizagem, pois só havia um aparelho de acesso à internet, que precisou ser dividido com os irmãos durante as aulas na quarentena. Os demais estudantes

⁴ As narrativas dos/das estudantes foram transcritas sem correção gramatical.

(Caio, Lua e Bruno) não mencionaram que dividiam celular, computador ou tablet com outras pessoas da família.

De acordo com Duarte (2020, p. 4), existem famílias que não possuem computador ou somente têm acesso a um para toda a família. Há até mesmo lares sem acesso à internet. Dessa maneira, uma parcela das crianças, as mais desfavorecidas, acabam sofrendo consequências sem acesso às aulas ou dificuldades para participar do ensino remoto. Ademais, para Gatti (2020, p. 32), a situação pandêmica mostrou que muitos não dispõem das facilidades necessárias para estudarem de maneira remota, como computador, tablet ou celulares, como ficou evidente na narrativa acima da estudante.

Outro aspecto importante que vale pontuar é acerca da autodeclaração racial, pois dos/das 4 estudantes que foram selecionados para complementar esta pesquisa, Bella foi a única que se declarou como negra, ao responder à pergunta: *Você se considera de qual cor/raça?*

É preciso salientarmos que a pandemia do novo coronavírus demonstrou que as diferenças que separam ricos de pobres e pessoas negras de brancas ficaram mais notórias no ensino brasileiro (Lima; Souza, 2020). Sabemos que a cor da pele ainda é um dos principais fatores que apontam a desigualdade no país, quando falamos de renda e emprego. Além disso, segundo as autoras, as taxas de pobreza extrema são maiores entre a população negra, realidade que aumenta cada vez mais as desigualdades socioeconômicas no Brasil.

Conforme afirma Muniz (2020, p. 84), no contexto da pandemia, além das desigualdades de classes, as assimetrias de raça também ficaram evidentes, pois no enfrentamento da doença, morreram mais pessoas negras do que brancas. Dessa maneira, ficou evidente que a população pobre e negra está mais exposta às vulnerabilidades socioeconômicas e as doenças, visto que esses fatores são recorrentes no contexto histórico da sociedade brasileira.

Sem o acesso ao espaço físico da escola, os/as estudantes se sentem mais vulneráveis, pois a realidade fora desse ambiente expressa as dificuldades enfrentadas durante o processo da adolescência. Além do mais, percebemos que alguns fatores, como o distanciamento social, a falta de interação com os professores e com os colegas de turma, a falta de aquisição dos conteúdos trabalhados nas aulas *online* demonstra os impactos na aprendizagem dos/das estudantes, como veremos nas narrativas e respostas a seguir.

Quando questionados acerca da pergunta *“Você sentiu alguma/s dificuldade/s no ensino remoto? Justifique”*, a estudante Bella respondeu o seguinte:

Sim. Aprender durante as aulas online foi um pouco difícil pois não é a mesma coisa de quando estudamos em sala de aula, porque nas aulas presenciais é bem melhor para

dialogar, tirar dúvidas, ler e se concentrar no que o professor ou professora está falando.

Já o estudante Caio descreveu:

“- Sim, as aulas remotas foi um tanto complicado para se adaptar”.

Embora o estudante Bruno não tenha respondido a essa pergunta incisivamente, em suas memórias podemos perceber que, de algum modo, ele foi afetado pela falta do ambiente escolar, das aulas presenciais e do contato com os seus colegas e amigos.

Para Alves e Fernandes (2021, p. 3), o ambiente de estudos tem total influência na aprendizagem dos/das estudantes, além disso sabemos que, sem o acesso físico às escolas, os/as estudantes se encontram em uma situação complicada, pois na maioria das vezes sempre haverá algo que tire sua atenção e concentração, como barulhos de tv, pessoas em casa conversando e a falta de um local adequado para estudar em casa. Esses e outros fatores irão desfavorecer para uma aprendizagem adequada.

Outro ponto importante que merece ser destacado foi a falta de interação entre os professores e os /as estudantes durante o distanciamento social. Segundo Lopez e Morales (2020, p. 65), antes da quarentena havia uma boa relação entre professor e o/a estudante, pois eles/as poderiam ser encontrados nas escolas fora ou no horário das aulas, o que facilitava a abordagem para os/as estudantes compreenderem melhor os assuntos, assim como tirarem suas dúvidas, como ficou explícito na resposta de Bella: “- porque nas aulas presenciais é bem melhor para dialogar, tirar dúvidas, ler e se concentrar no que o professor ou professora está falando”. Dessa maneira, ficam evidentes os problemas acarretados com a falta de contato humano, ou seja, o quanto é importante um elo afetivo durante o processo de aprendizagem.

A estudante Lua, quando solicitada a responder à pergunta acima, argumentou:

“- Sim, eu tentava fazer as atividades e me distraía, acho que é TDAH, eu não conseguia focar e não tinha ninguém para me ajudar.”

Segundo Lucas *et al.* (2020, p. 75), muitas vezes questões relacionadas à saúde mental de crianças e adolescentes são negligenciadas, ou seja, é necessário um cuidado mais que especial com essa população, pois é nessa fase da vida que eles/as estão mais vulneráveis. Dessa forma, evidenciamos na resposta da estudante Lua que ela tentava realizar as tarefas escolares, porém se distraía facilmente, inclusive a estudante ainda descreve que pode ser que ela tenha Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Essa justificativa da aluna pode

indicar que ela se preocupa com seu comportamento, por isso expressa para que seja compreendida em relação às suas condutas em sala de aula. Talvez esse diagnóstico já exista, mas ela prefere não afirmar incisivamente.

De acordo com Maia e Confortin (2015, p. 74), o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um dos assuntos mais discutidos no âmbito da educação, pois esse transtorno vem aumentando no espaço escolar, professores e pais devem ficar atentos aos comportamentos dos/das estudantes, visto que pode ser confundido como mau comportamento, preguiça, o que acaba prejudicando a aprendizagem desses/as estudantes. Ademais, sobre hiperatividade as autoras afirmam que,

No decorrer dos anos, a hiperatividade sofreu diversas alterações em sua nomenclatura, tais como: síndrome da criança hiperativa, reação hipercinética da infância, disfunção cerebral mínima, distúrbio de déficit de atenção e, posteriormente, Transtorno de Atenção com Hiperatividade. (Maia; Confortin, 2015, p. 74).

É necessário destacarmos que não podemos diagnosticar uma pessoa com TDAH, cabe necessariamente a um profissional responsável fazer o diagnóstico, além do mais esta pesquisa não tem como objetivo responder a tais questões. Dessa maneira, se a estudante Lua possui ou não TDAH, é necessário que ela passe por uma série de avaliação, porém o que queremos enfatizar é o fato de a estudante não conseguir focar sua atenção nas aulas remotas no período de quarentena, fato notório que gerou consequências e implicações no aprendizado dela.

Assim como Bella, Caio e Lua, Bruno, embora afirme que tinha espaço adequado para estudar e acesso a recursos tecnológicos, também demonstrou insatisfação com as aulas remotas. Segundo ele, a dificuldade que sentiu foi devido ao fato de “não ter ninguém para puxar para as aulas”. Ao descrever as aulas remotas, ele afirma: “Um lixo porque não dava para ver meus amigos.” Vale ressaltar que Bruno, assim como Lua mencionaram ter melhores condições socioeconômicas em relação a Bella e Caio.

A seguir serão apresentadas as memórias e respostas dos/das estudantes a respeito das suas emoções e experiências sociais no período da pandemia, e como esses problemas atrapalharam os seus estudos, assim como a sua rotina e de seus familiares.

4.2 Aspectos sociais e emocionais que interferiram na vida dos/das estudantes durante a pandemia

Os anos de 2020 e 2021, certamente, ficarão marcados na memória de muitas pessoas ao redor do mundo, porque foram tempos de muita tristeza, morte, ansiedade e medo. A

presença de uma pandemia sempre surpreende a sociedade, por isso, com a Covid-19, não foi diferente, a sociedade teve que se reorganizar para lidar com sérias consequências. Conforme Morales e Lopez (2020, p. 54), houve diversas mudanças sociais com a chegada do novo coronavírus. Essas mudanças provocaram diversas investigações em todas as esferas do saber para levar a compreensão de quais seriam os impactos da COVID-19 nas famílias, na sociedade de um modo geral, na economia, ou seja, em esferas sociais e culturais.

A pandemia do Coronavírus trouxe consequências para a saúde, tanto física quanto emocional dos indivíduos, visto que gerou medo e pânico. Devido ao número expressivo de mortes, as pessoas ficaram temerosas de perder a própria vida ou a perda de algum ente querido, causando ansiedade e receio na vida dos/das estudantes. Por isso, quando questionados sobre *como se sentiram no período de lockdown e o que foi o período de pandemia para eles/elas*, notamos que sentimentos de desânimo, ansiedade, fase difícil e tristeza foram expressos nas respostas dos/das estudantes. Dessa maneira, nas respostas ao questionário e nas narrativas escritas, os /as estudantes Bella, Caio, Lua e Bruno expressaram os impactos de maneira e intensidade diferentes. A estudante Bella respondeu o seguinte: “- Desanimada por não poder sair de casa pra se divertir e não poder visitar meus parentes. Um período difícil, entediante e ruim”.

No texto em que produziu suas memórias, Bella assim apresentou a sua posição sobre a pandemia:

A pandemia destruiu muitas famílias trouxe muitas dificuldades para muitas pessoas. Para mim o período de quarentena foi um período difícil de se acostumar porque ninguém podia sair de casa nem visitar parentes e amigos, para não correr o risco de contrair a Covid-19. Durante a pandemia algumas pessoas da minha família pegaram a Covid-19, mas algumas pessoas tiveram os sintomas mais leves e outras sintomas mais altos, eu e as pessoas que moram comigo não chegamos a contrair a doença, mas ficamos muito preocupados e redobramos os cuidados.

O estudante Caio respondeu o seguinte:

Eu me senti preso em casa sem ter contato com outras crianças, mas no tempo de Lockdown eu fiz vários amigos na internet, tenho um amigo que conversamos até os dias de hoje. Pra mim foi um tempo muito difícil para todos se adaptar, com o novo "mundo" cada vez mais com as novas necessidades que foram supridas pela internet.

Nas suas memórias pessoais, Caio relata:

Ao contrário de hoje em dia, a pandemia foi algo incontrolável que causou muitas mortes. Foi um tempo muito difícil para todos se adaptar, ficar preso em casa em Lockdown sem poder abraçar e vê seus familiares e amigos. Durante a pandemia muitas crianças perderam sua infância de brincadeira, brincar de pega-pega, amarelinho, dono da rua era impossível no momento que nós estávamos vivendo. No período de quarentena, eu passei a maior parte na internet conheci vários amigos que falo até os dias de hoje. A gente costumava jogar vários jogos até madrugada e morrer de rir na ligação, era muito divertido. Mas também aquilo me prendia muito, não me

alimentava adequadamente entre outras coisas. Passei por muitos problemas como por exemplo querer emagrecer a todo custo, problema que foi desencadeado anos antes da quarentena. Por conta do bullying que eu sofria na escola. Com a pandemia aprendi que o tempo passa muito rápido, então é melhor aproveitar cada momento possível. Porque você nunca vai saber se vai poder viver aquele momento mais uma vez, e só vai restar apenas saudades dos bons momentos da vida.

De acordo com Castel (1997), o medo, a ansiedade e as incertezas passaram a fazer parte do dia a dia e tornaram os estudantes ainda mais vulneráveis socialmente. No questionário e nas narrativas dos estudantes Bella e Caio, percebemos que o período de quarentena desencadeou emoções e sentimentos de desânimo e dificuldades para eles, assim como para a família. De acordo com Lucas, Alvin, Porto, Silva e Pinheiro (2020, p. 75), o período da adolescência é um momento no qual os adolescentes desenvolvem, por si só, estresse e apreensão, ou seja, é nessa fase que surge a maior parte dos transtornos mentais. Dessa maneira, a pandemia de Covid-19 ampliou os grandes impactos psicológicos na saúde desses/as estudantes.

Segundo os autores, as crianças, quando estão fora do ambiente escolar, são fisicamente menos ativas, ou seja, há irregularidades no sono, mais tempo em frente às telas e dietas menos saudáveis, acarretando em ganho de peso ou até mesmo em perda de peso, como observamos no relato de Caio, quando ele afirma: “- não me alimentava adequadamente, querer emagrecer a todo custo”. Realidade que foi vivenciada bem antes da pandemia, mas, com o início da quarentena, o estudante sentiu esse trauma de uma forma mais profunda.

O período de quarentena foi um tempo desagradável por muitas razões, por exemplo, pela saudade de estarmos juntos com nossos parentes, amigos, nos ambientes que costumávamos frequentar, pela falta de liberdade, pelas preocupações constantes a respeito da doença. Dessa maneira, ocorreram diversas manifestações psicológicas como: sensação de frustração, tristeza, ansiedade e baixa autoestima, como veremos a seguir na narrativa da estudante Lua. Quando questionada como se sentiu no período de *lockdown* e o que foi o período de pandemia para ela, Lua descreveu o seguinte em sua resposta: - “ansiosa, morte”.

Já em suas memórias sobre a pandemia, Lua narra o seguinte:

Viver em uma pandemia não foi nada fácil ou agradável, eles prometeram “15 dias” os quinze se tornaram meses, os meses se tornaram 2 anos e meio, no início do Lockdown eu tinha amor próprio e em momento algum me comparava a ninguém, depois com uso mais frequente do celular e redes sociais, fui me espelhando e ficando cansada da minha própria aparência. Além da baixa autoestima eu também desenvolvi problemas com meus pais, e com a escola, eu me sentia pressionada por causa da escola e me culpava por não fazer nada, eu me distanciei de vários amigos até ficar sem nenhum. No final de 2021 tava tudo “bem”, comigo, com meus pais, com minha vida social em relação aos meus amigos, até que isso acabou e voltou tudo de uma hora para a outra, foi daí que eu tive um *déjà vu* de que tudo estava acontecendo

novamente, até que eu conheci meus amigos, não posso dizer que estou bem, mas estou viva, e a pandemia ainda persiste.

O estudante Bruno, em sua resposta à pergunta anterior, respondeu o seguinte:

- “ímpotente”. “foi para mostrar o quanto as pessoas ignorantes que acreditam em qualquer coisa”.

Em suas memórias pessoais sobre a pandemia, o estudante descreve:

Oi, me chamo “Bruno” e vou contar como foi a minha vida na pandemia resumindo tudo um pouco mais com detalhes, nos primeiros dias da pandemia eu achava que não iria durar muito essa doença mais como muitas pessoas não se protegeram a doença se agravou mais ainda no Brasil. Eu cheguei a pegar a doença (porque minha imunidade é muito ruim) fiquei 3 dias sobre observação e 15 dias sem fazer contato com ninguém, meus amigos me ajudaram a passar por essa fase, depois começaram os rumores sobre quando as aulas iriam voltar aí eu ficava todo feliz achando que ia ver meus amigos aí que eu desenvolvo ansiedade e começo a sempre pensar no amanhã e quando isso acontece eu simplesmente paro de funcionar e fico olhando pro nada.

Nas narrativas acima, podemos perceber que, apesar de ter sido necessária, a quarentena também trouxe dificuldades e implicações emocionais causadas pela solidão dos/das estudantes. Ademais, durante um período de crise em um ambiente de ensino-aprendizagem, marcado por sentimentos de ansiedade, tensão e incertezas, é comum surgir pensamentos negativos que desencadeiam problemas que afetam a saúde mental (Oliveira *et al.* 2022), como ilustra o seguinte trecho da narrativa do estudante Bruno - “eu desenvolvo ansiedade e começo a sempre pensar no amanhã e, quando isso acontece, eu simplesmente paro de funcionar e fico olhando pro nada.” Podemos concluir que, no cenário de crise sanitária, isolamento e distanciamento social, os/as estudantes da Educação Básica sofreram significativamente com os impactos da pandemia e a quarentena, trazendo traumas que ainda estão sendo ou serão amenizados, como a ansiedade, sentimento bem presente durante esse período.

De acordo com Orli (2020, p. 3), pediatra e psiquiatra da Infância e Adolescência do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente, (IFF/Fiocruz), é de suma importância o bem-estar psicológico dos jovens no contexto da pandemia. Dessa maneira, Orli destaca:

Quando pensamos nos efeitos da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes é fundamental que consideremos que são seres em desenvolvimento e a forma como compreendem e explicam o mundo vai variar segundo o estágio em que se encontram, suas experiências anteriores, sua capacidade cognitiva e também da cultura em que estão inseridos. Isso é fundamental para podermos analisar adequadamente esse impacto diante de um ambiente com novos estressores. (Orli, 2020).

Em suma, ao analisarmos criticamente as memórias/narrativas dos/das estudantes, assim como as suas respostas ao questionário, observamos nos dados que cada estudante sofreu significativamente com as dificuldades, a distância, as perdas de pessoas conhecidas, a instabilidade de cumprir com as atividades escolares e as suas emoções (desânimo, tristeza, ansiedade, medo) vivenciadas no período pandêmico. Essas questões ficaram evidenciadas no decorrer da análise desta pesquisa, visto que a pandemia foi um grande desafio para os/as estudantes, assim como se revelou como um tempo de adaptação, ou seja, desenvolveu-se um processo angustiante e assustador. Além do mais, percebemos, nas memórias pessoais dos/das estudantes, que todos esses fatores atrapalharam o seu desenvolvimento, assim como o cotidiano deles/as, visto que esses/as estudantes formam um grupo com uma imensa heterogeneidade, com características, experiências e opiniões diferentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos objetivos propostos nesta pesquisa, observamos nas memórias apresentadas pelos/as estudantes que a pandemia de Covid-19 desencadeou fatores emocionais e sociais que comprometeram a vida e o contexto educacional deles/as. Conforme os dados analisados, ao compreendermos o que os/as estudantes escreveram e refletiram, as memórias revelaram que o período de quarentena deixou os/as estudantes ainda mais vulneráveis, cheios/as de incertezas, medo, estresses e ansiedade. Além disso, os impactos que a Covid-19 trouxe para a sociedade deixará inúmeras marcas e cicatrizes.

Constatamos, a partir das respostas ao questionário e das narrativas, que os/as estudantes tiveram sua saúde mental afetada pelas condições impostas que a crise do Coronavírus nos portou. Além do mais, os aspectos sociais, tais como uso de celular por mais de uma pessoa da família, falta de computador, uso de *internet* limitada, falta de recursos, baixa renda e questões raciais, indicam que esses/as estudantes da Educação Básica sofreram consideravelmente os impactos no processo educacional. Além disso, essas consequências também trouxeram implicações dentro do ambiente familiar.

Segundo Sobral e Caetano (2020), a pandemia de Covid-19 veio acompanhada de dificuldades, adaptações e mudanças. Esses fatores nos permitiram perceber que cada estudante foi construindo experiências diferenciadas e diversificadas, sejam em relação às questões emocionais ou sociais. Entretanto, em meio à crise, os /as estudantes ainda buscaram o sentimento de se manterem esperançosos/as no futuro, ou seja, como o desejo de voltar à escola, ao convívio com os amigos e a ansiedade de voltarem a ter a liberdade que lhes foi “tirada” durante este tempo difícil, como podemos ver em trechos das memórias de Bella e Caio:

Também estava com saudades das minhas amigas e das atividades escolares que fazíamos, os jogos esportivos, as olimpíadas, as via e passeios da escola, de jogar xadrez, de passar por experiências novas e dos momentos felizes que compartilhamos juntas. (Bella)

Atualmente as aulas voltaram ser presencial é bom encontrar os amigos depois de tanto tempo em quarentena, com a pandemia aprendi que o tempo passa muito rápido, então é melhor aproveitar cada momento possível. (Caio)

A presente pesquisa mostrou a importância que as memórias descritas pelos/as estudantes tiveram no contexto pandêmico, apontando as reflexões emocionais e sociais dos/das estudantes, através de suas narrativas, pois conhecermos como se encontrava as emoções e as vulnerabilidades deles/as é de total relevância para educadores e profissionais do campo da educação.

É nessa conjuntura que nos debruçamos acerca das narrativas dos/das estudantes, vemos que através deste gênero eles/as puderam expor suas realidades, vivências, bem como uma liberdade para narrar as situações e fatos vivenciados por cada um/uma, que poderá ser conservada e rememorada por muito tempo.

Diante dessas considerações, quisemos, através desta pesquisa, contribuir na produção de registros sobre as memórias da pandemia, assim como refletir sobre o ensino remoto proposto, seus desafios, consequências, falta de investimentos em tecnologias e recursos para os/as estudantes e toda a gestão escolar. Ademais, diante do cenário pandêmico no qual estávamos inseridos, dada a forma como revolucionou todos os contextos sociais, propomos que haja uma reflexão acerca do tema proposto, tal como é importante discutir as memórias produzidas por estudantes de uma perspectiva linguístico-discursiva como forma de contribuir para o atual estado da arte de pesquisas que envolvem educação, linguagens e pandemia.

Por fim, é válido salientar que o contato com o gênero memórias possibilitou aos estudantes resgatarem as suas memórias, e nesse resgate eles/as tornam vivos a sua criatividade com a linguagem, pois compreendemos que o trabalho com esse gênero tornou o processo da escrita de cada sujeito desta pesquisa mais significativo, fazendo sentido a integração de ler e escrever com as suas experiências e vivências.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Dóris.; GIL, Natália. (Orgs.); MONÇÃO, Vinícius (Ilustrador). **Entre ansiedades e esperanças: narrativas de estudantes em meio a uma pandemia**. Porto Alegre: UFRGS, 2021.
- ALVES, Maria. **O ensino do gênero memórias por meio de uma sequência didática**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016. Disponível em: <http://bdtd.uftm.edu.br/handle/tede/429>. Acesso em: 10 de jul. 2023.
- ARAGÃO, Maria. **Memórias literárias na modernidade**. Letras, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria - PPGL UFSM, n.3, jun. 1992.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de Março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. MEC, Recuperado em 20 de Abril, 2022.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- CAMACHO, Alessandra; JOAQUIM, Fabiana; MENEZES, Harlon; SANT' ANNA, Rosana. A tutoria na educação à distância em tempos de COVID-19: orientações relevantes. **Research, Society and Development**, v. 9, n.5, p. e30953151, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340239802_A_tutoria_na_educacao_a_distancia_e_m_tempos_de_COVID-19_orientacoes_relevantes. Acesso em: 10 de nov. 2021.
- CARVALHO, Juliana. Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa: a oralidade em sala de aula. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, 18 de mai. 2010. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/10/18/linguiacutestica-aplicada-ao-ensino-de-liacutengua-portuguesa-a-oralidade-em-sala-de-aula#:~:text=A%20LA%20>. Acesso em: 03 de nov. 2021.
- CASTEL, Robert. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. **Caderno CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crhinclude/getdoc.php?id=%201012%20&%20article>. Acesso em: 10 de jun. 2022.
- COSTA, João. As escolas fecharam, a educação não ficou suspensa. **Saber & Educar**, Porto, n. 29, 2021. DOI 10.17346/se.vol.29.401. Disponível em: <http://revistaold.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/401/450>. Acesso em: 21 de Abr. 2022.
- DUARTE, Isabel. Educação em tempo de pandemia: “travar o acelerador de desigualdades”: reflexões a partir de Portugal. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 1-12, maio/ago. 2021.

GOMES, Gustavo; RODRIGUES, José; MIRANDA, Kênia; MATTOS, Marcelo; COSTA, Reginaldo; ARGUELLES, Regis. **A universidade e a pandemia: Uma reflexão sobre as atividades acadêmicas através de tecnologias remotas na UFF.** Esquerda Online, 2020. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/>. Acesso em: 15 de jun. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Trad. de Laurent León Schaffter, São Paulo. Vértice. 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 20 de jul. 2023.

LIMA, Bruna; SOUZA, Catarinne. **Pandemia evidenciou desigualdades na educação brasileira.** Correio Braziliense, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2020/12/4897221-pandemia-evidenciou-desigualdade-na-educacao-brasileira.html>. Acesso em: 22 de set. 2022.

LUCAS, Lílian; ALVIN, Antônio; PORTO, Deisy; SILVA, Antônio; PINHEIRO, Mayra. Impactos da pandemia de Covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: orientações do departamento de psiquiatria da infância e adolescência da Associação Brasileira de Psiquiatria. **Debates em Psiquiatria**, v. 10, n.2, p. 74-77, 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 28, n. 4, p. 1263-1267, out./dez. 2021.

MAIA, Maria; CONFORTIN, Helena. TDAH e aprendizagem: um desafio para a educação. **Revista Perspectiva**, v. 39, n.148, p. 73-84, 2015.

MALAVÉ, Mayra. **Saúde mental dos adolescentes no contexto digital da pandemia.** Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/saude-mental-dos-adolescentes-no-contexto-digital-da-pandemia>. Acesso em: 09 de ago. 2022.

MARCUSCHI, Beth. Escrevendo na escola para a vida. In: RANGEL, Egon de Oliveira e ROJO, Roxane (Coord.). **Língua Portuguesa: Coleção Explorando o Ensino: v. 19.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p. 65-84, 2010.

MARCUSCHI, Beth. A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v.2, n.1, p.47-73, 2012.

MARCUSCHI, Luís. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, 2002. In: DIONÍSIO, A. *et al.* **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MENEZES, Pedro. **Classe Social.** Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/classe-social>. Acesso em: 19 de jul. 2023

MUNIZ, Tatiane Pereira. COVID-19 e os números: O quesito raça/ cor e as controvérsias das notificações. **Áltera**, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p. 81-88, out, 2020.

OLIVEIRA, Eliany; VASCONCELOS, Maristela; ALMEIDA, Paulo; PEREIRA, Paulo; LINHARES, Maria; NETO, Francisco; ARAGÃO, Joyce. Covid-19: repercussões na saúde mental de estudantes do ensino superior. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 206-220, 2022.

OLIVEIRA, Maria Bernadete. A produção do conhecimento no espaço escolar: considerações em torno da produção textual. **Revista do GELNE**, v. 2, n. 2, p. 1-3, 2000.

OLIVEIRA, Quezia; LANGHANZ, Milena; GILL, Lorena. “Sinto falta de abraços” :Os impactos da pandemia de COVID-19 na vida cotidiana dos alunos e alunas da UFPEL. **História em revista**, Pelotas, 230-239, v. 26/1, dez./2020.

OMS declara o fim da emergência global de Covid. **Jornal Nacional**, 05 de maio de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/05/oms-declara-o-fim-da-emergencia-global-de-covid.ghtml>. Acesso em: 19 de jul. 2023.

PASINI, Carlos; CARVALHO, Élvio; ALMEIDA, Lucy. Educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19 (Ose)**, v. 9, 2020.

PINTO, Fátima; DIAS, Érika. Educação e pesquisa. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. 10 de julho de 2019. Disponível em: SciELO - Brasil - Educação e Sociedade Educação e Sociedade. Acesso em: 15 de dez. 2021.

PRESSE, France. **Pandemia afeta acesso à educação de estudantes pobres, jovens e pessoas com deficiência, diz relatório da Unesco**. G1- Globo, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/23/pandemia-afeta-acesso-a-educacao-de-estudantes-pobres-jovens-e-pessoas-com-deficiencia-diz-relatorio-da-unesco.ghtml>. Acesso em: 19 de set. 2022.

SILVA, Lecy. **Memórias: um trampolim para a escrita**. 2018. 137 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Programa de Pós Graduação em Mestrado Profissional em Letras. Currais Novos, RN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30342>. Acesso em: 05 de jul. 2023.

SOBRAL, Catarina; CAETANO, Ana. Narrativas Emocionais de Estudantes do Ensino Superior em Tempos de Quarentena. **Revista Internacional de Educación para la justicia social**, v.9, n.3, p. 435 - 451, 2020.

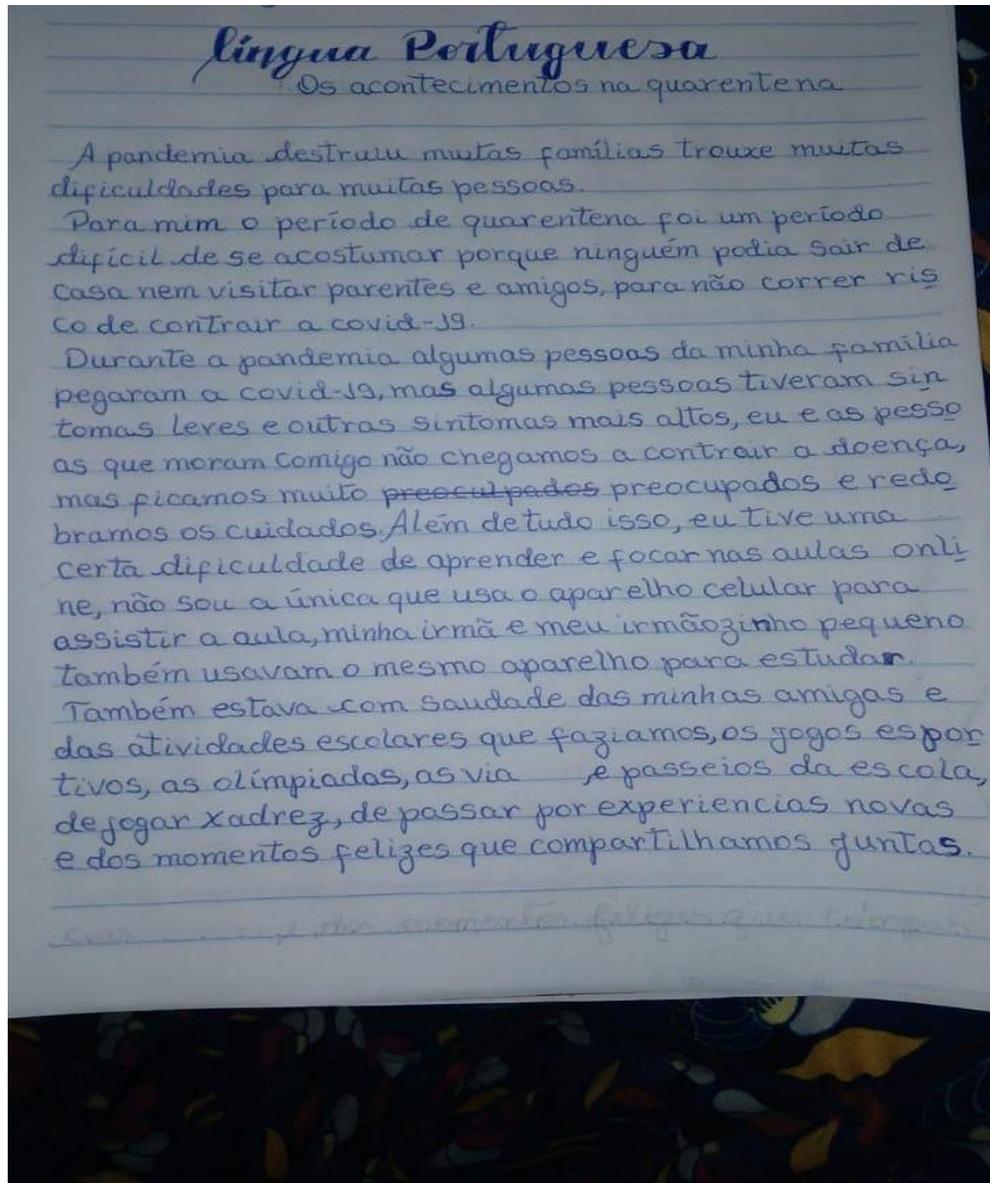
UNESCO. **UNESCO avisa que, em todo o mundo, 117 milhões de estudantes ainda estão fora da escola**. 22 de Setembro, 2021. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/articles/unesco-avisa-que-em-todo-o-mundo-117-milhoes-de-estudantes-ainda-estao-fora-da-escola>. Acesso em: 20 de jan. 2022.

VELOSO, Gabriela Lages. SILVA, Letícia Rodrigues (Org.) **Memórias da pandemia**. São Luís, 2021. 1.Contos 2. Crônicas 3. Poemas.

CONVÍVIO CONSCIENTE. **10 Medidas de Prevenção à Covid-19**. Coronavírus UFSC, 21 de set. 2021. Disponível em: <https://coronavirus.ufsc.br/2021/09/21/10-medidas-de-prevencao-a-covid-19/>. Acesso em: 20 de abr. 2022.

ANEXOS

ANEXO A – NARRATIVA DA ESTUDANTE BELLA



ANEXO B – NARRATIVA DO ESTUDANTE CAIO

Tempo Online

Ao contrário de hoje em dia, a pandemia foi algo incontrolável que causou muitos mortos. Foi um tempo muito difícil para todos se adaptar, ficar preso em casa em lockdown sem poder abraçar e se reunir familiares e amigos. Durante a pandemia muitas crianças perderam sua infância de brincadeira de piga-piga, amarelinho, dengo da rua era impossível no momento que nós estávamos vivendo.

A internet facilitou muito a vida na pandemia, sempre se renovando e trazendo soluções para problemas no cotidiano das pessoas. Como por exemplo poder pagar uma conta sem sair de casa, ir e entre muitos serviços.

Na período de quarentena, eu passei a maior parte na internet conheci vários amigos que falei até os dias de hoje. A gente costumava jogar vários jogos até madrugada e morrer de rir na ligação, era muito divertido. Mas também aquilo me prendia muito, não me alimentava adequadamente entre outros coisas. Por isso por muitos problemas como por exemplo querer emagrecer a todo custo, problema que fui de reincidência anos antes da quarentena. Por conta do bullying que eu sofria na escola.

As aulas remotas, eram difíceis de se estudar não chega nem perto do ensino presencialmente nos escolas. Atualmente as aulas são

ANEXO C - NARRATIVA DO ESTUDANTE CAIO

taram ser presencial é bem encontrar os amigos depois de tanto tempo em quarentena. Com a pandemia aprendi que o tempo passa muito rápido, então é melhor aproveitar cada momento possível. Porque você nunca vai saber se vai poder viver aquele momento mais uma vez, e só vai restar apenas saudades dos bons momentos da vida.

ANEXO D - NARRATIVA DA ESTUDANTE LUA

20:05

Viver em uma pandemia não foi nada fácil ou agradável, eles prometeram "15 dias" os quinze dias se tornaram meses, os meses se tornaram 2 anos e meio, no início do Lockdown eu tinha amor próprio e em momento algum me comparava a ninguém, depois com uso mais frequente do celular e redes sociais, fui me espelhando e ficando cansada da minha própria aparência.

Além da baixa autoestima eu também desenvolvi problemas com meus pais, e com a escola, eu me sentia pressionada por causa da escola e me culpava por não fazer nada, eu me distanciei de vários amigos até ficar sem nenhum.

No final de 2021 tava tudo "bem", comigo, com meus pais, com minha vida social em relação aos meus amigos, até que isso acabou e voltou tudo de uma hora para a outra, foi daí que eu tive um **déjà vu** de que tudo estava acontecendo novamente, até que eu conheci meus amigos, não posso dizer que estou bem, mas estou viva, e a pandemia ainda persiste.

ANEXO E - NARRATIVA DO ESTUDANTE BRUNO

